

O patrimônio edificado e urbanístico do Plano Piloto de Brasília [DF]: documentação, valorização e resgate por meio dos ‘sketches’

DOI: 10.20396/labore.v14i0.8663414

Arquitetura, Cidade e Documentação

Comitê Nacional de Documentação do Icomos Brasil

Luana Miranda Esper Kallas

<<https://orcid.org/0000-0002-9808-0402>>

Universidade Federal de Goiás / Goiânia [GO] Brasil

Eliel Américo Santana da Silva

<<https://orcid.org/0000-0003-3566-8353>>

Universidade de Brasília/ Brasília [DF] Brasil

Juan Carlos Guillen-Salas

<<https://orcid.org/0000-0002-9859-3056>>

Grupo de Pesquisa LFDC UnB / Brasília [DF] Brasil

RESUMO

Brasília foi construída para ser a Nova Capital, com a saga de sua construção, a cidade e sua arquitetura cresce e se desenvolve cheia de simbolismos, históricos e afetivos, apesar de sua história recente. Para a arquitetura e o urbanismo, a singularidade de Brasília a fez entrar para Lista de patrimônios da humanidade da UNESCO. Mas como se apropriar e pertencer à uma cidade com história tão recente por meio dos sketches? Objetiva-se neste artigo apresentar um roteiro da documentação e valorização do patrimônio em Brasília por meio da prática do grupo *Urban Sketchers* Brasília/DF. Dessa forma, procede-se o levantamento do referencial teórico referente e a documentação e valorização do patrimônio em Brasília por meio do grupo, apresentação dos resultados, discussões e conclusão. Observa-se que o grupo de desenho tem contribuído para a apropriação da cidade e a criação da noção de pertencimento, o que permite concluir que o objetivo foi atingido e que devido à constância e atuação do grupo, seus desenhistas conseguiram explorar Brasília e o Distrito Federal, se apropriando da cidade por meio da documentação aparente dos sketches, conhecendo mais a cidade.

PALAVRAS-CHAVE

Patrimônio edificado e urbanístico. Brasília. Documentação. Valorização. Sketches.

The heritage of the Pilot Plan in Brasilia [Federal District, Brazil]: documentation, valorization and rescue through sketches

ABSTRACT

Brasília was built to be the New Capital, with the saga of its construction, the city and its architecture grows and develops full of symbolisms, historical and affective, despite its recent history. For architecture and urbanism, Brasília is unique, making it join the UNESCO List of World Heritage Sites. But how to appropriate and belong to a city with such a recent history through sketches? The aim of this article is to present a script for the documentation and appreciation of the heritage in Brasília through the practice of the *Urban Sketchers* Brasília / DF group. In this way, the survey of the referential theoretical framework and the documentation and appreciation of the heritage in Brasília through the group, presentation of results, discussions and conclusion are proceeded. It is observed that the design group has contributed to the appropriation of the city and the creation of the notion of belonging, which allows us to conclude that the objective was achieved and that due to the constancy and performance of the group, its designers were able to explore Brasília and the District Federal, appropriating the city through the apparent documentation of the sketches, getting to know the city more.

KEYWORDS

Heritage. Brasilia. Documentation. Valorization. Sketches.

1. Introdução

Brasília, cidade localizada no Planalto Central, torna-se a Nova Capital Federal, depois de mais de 150 anos de disputas entre “cidades candidatas” à sede administrativa do Brasil. Com a devida escolha, um novo processo célere surge em 1956, criação de uma Companhia Urbanizadora, a NOVACAP e uma nova Comissão para analisar o sítio para localizar a futura Capital, o concurso e um selecionado, a proposta de Lucio Costa, a Construção da cidade e sua inauguração em 1960.

A proposta de Lucio Costa foi controversa, muitos questionamentos surgiram, mas talvez o tempo em que Lucio Costa se posicionou na história do urbanismo mundial não permitisse outra lógica projetual se não essa, a de uma abordagem de estabelecimento de atributos formais ou criação de uma imagem mental, daquilo que foi imaginado sem nunca antes ter presenciado, um sonho, uma imaginação em forma de visuais panorâmicas.

A cidade, hoje desenvolvida, possui dificuldades como de qualquer outra, com uma história recente, foi capaz de criar valores simbólicos e históricos, presentes no ideário de seus moradores, nascidos ou “adotados”, que fez surgir uma necessidade de descobrir e conhecer mais a cidade, um cotidiano a ser registrado.

Os cadernos de croquis se comprometem a registrar essa cidade em sua percepção do dia a dia, assim como, a herança de um espaço deixado por Lucio Costa, Oscar Niemeyer, candangos, arquitetos, engenheiros, escultores, paisagistas e os construtores mais ilustres da capital.

O Relatório de 1957 e principalmente os croquis embrionários das imagens esquemáticas e aéreas talvez não pudessem prever a vida que tomaria conta da utopia. A realidade foi maior que o sonho e muitas das experiências utópicas de início do século XX, as cidades para três milhões de habitantes e Radiosa de Corbusier, a Broadacre City de F. L. Wright, a cidade contemporânea de Tony Garnier, a cidade nova de Antônio Sant’Elia e outras perderam para a realidade.

Diante dos rumos que Brasília seguiu, o conjunto urbano tombado passa no dia a dia por mudanças, mesmo depois do relatório Brasília Revisitada e um conjunto de regras estabelecidas por Lucio Costa para ordenar a expansão de Brasília, sem o prejuízo para o seu tombamento.

Nesse sentido, para registrar as constantes mudanças da cidade, um grupo de desenhadores de rua, o *Urban Sketchers* Brasília/DF, por meio de seus cadernos de croquis, registraram, documentaram de forma aparente o patrimônio da cidade, os monumentos de valor histórico e as mudanças da cidade.

Esses desenhos ou *sketches*, como são mais conhecidos entre os *Urban sketchers*, dão valor ao patrimônio. Além de servir de registro das mudanças do tempo de uma cidade ou de uma edificação patrimonial ou um monumento com valor histórico, como os registros históricos dos naturalistas do passado (Kallas, Guillen-Salas, & Silva, 2020).

E como os desenhistas podem se apropriar da cidade e criar uma noção de pertencimento ao lugar por meio dos *sketches* e do caderno de croquis?

Em busca de responder a essa pergunta, uma hipótese foi lançada, que a prática do desenho de observação no local, desenvolvidas individualmente ou em encontros do *Urban Sketchers* de Brasília/DF possibilitam um sentido de apropriação da cidade e pertencimento ao lugar, criando memórias e histórias e contribuindo para a valorização do patrimônio da cidade, como também da valorização dos monumentos de valor histórico.

Sendo o objeto de estudo os desenhos e pinturas desenvolvidos em Brasília e DF pela prática do desenho de observação no local pelos *Urban Sketchers* Brasília/DF no Distrito Federal, desde 2015, quando as atividades do grupo iniciaram de forma oficial.

Dessa forma, o objetivo geral deste trabalho é apresentar um roteiro da documentação e valorização do patrimônio em Brasília por meio da prática do grupo *Urban Sketchers* Brasília/DF.

Assim, a metodologia utilizada neste trabalho foi organizada em duas etapas:

- Referencial teórico sobre a cidade de Brasília/DF. Etapa que teve por finalidade a caracterização da cidade de Brasília, revisão dos seus antecedentes, revisão da concepção proposta por Lucio Costa, revisão do patrimônio da cidade de Brasília e o relatório da proposta de Brasília Revisitada;

- Levantamento da documentação e a valorização do patrimônio de Brasília por meio dos *Urban Sketchers Brasília/DF*.

2. Referencial Teórico

2.1. CARACTERIZAÇÃO DE BRASÍLIA – ANTECEDENTES

A ideia de uma capital interiorizada vem de longa data. Brasília surgiu de ideias há muito discutidas, como descreve Prof. Horácio Mendes (Brasília, 1960, pp. 30-36) e surge no Brasil Colônia e perpassa pelos três períodos da história brasileira: Brasil Colônia, Brasil Império e Brasil República, como descrito resumidamente a seguir:

No Brasil Colônia surge o movimento separatista da Inconfidência Mineira, em 1789 e com ela, o desejo que a capital fosse São João del Rey em Minas Gerais. Essa ideia de interiorização da capital continua segundo o autor em 1809, com William Pitt e a criação de uma capital portuguesa no interior do Brasil, com o nome de Nova Lisboa, e em 1813, com José Hipólito da Costa Furtado de Mendonça, defendendo a interiorização no Correio Braziliense; Ainda no período colonial, em 1821, com José Bonifácio de Andrada e Silva, redige carta dos deputados de São Paulo à Corte de Lisboa, sobre a interiorização para assentar a Corte Regente, nas proximidades da latitude 15°, e que rendeu em 1822, um ‘Aditamento ao Projeto de Constituição para ser aplicado ao Reino do Brasil’ que designava o nome que a nova capital deste reino deveria se chamar Brasília (Brasília, 1960).

No Brasil Império as ideias de interiorização continuam em 1834, quando foi criado o município neutro para a sede do Governo Federal, desmembrando-se da Província Fluminense, acreditava-se que a interiorização não ocorreria, mas o historiador Francisco Adolfo Varnhagen, que se popularizou com o nome Visconde de Porto Seguro escreveu sobre a História do Brasil, onde abordava a necessidade de mudança da capital, atentando-se ao fato da frágil situação do governo exposto a uma possível ameaça de um bombardeio por ‘qualquer inimigo’ via mar (Brasília, 1960; Varnhagen, 1877). O visconde retoma essas ideias em 1877, em seu livro “A questão da Capital: marítima ou no interior?”, apontando 12 conveniências de se mudar a capital para o interior e um lugar preferencial para a nova capital, [...]

[...] Refiro-me à bella região situada no triangulo formado pelas tres lagoas Formosa, Feia e Mestre D’Armas, com chapadões elevados mais de mil e cem metros, sobre o mar, como nella requer para a melhoria do clima a menor latitude, com algumas terras mais altas do lado do norte, que não só a protegem dos ventos menos frescos desse lado, como lhe oferecerão os indispensáveis mananciaes (Varnhagen, 1877, p.28, sic).

Ainda no período imperial, em 1852, o Senador, Holanda Cavalcanti propõe um Projeto de lei para mudança da Capital para o interior, e somente em 1875, volta a ser abordado no Senado, com o Senador Jobim, aconselhando a mudança da Capital. Finalizando esse período, em 1883, o Padre João Bosco sonha com uma terra de muita riqueza, localizada, onde hoje é Brasília (Brasília, 1960).

No período do Brasil República, em 1890, com a Constituição Provisória da República, o Rio de Janeiro passa de município neutro para Distrito Federal, até que se pondere sobre a mudança da Capital, onde então a nova Capital passará a ser o Distrito Federal. No processo da constituinte, cogitou-se a localização da nova Capital na Vila Formosa da Imperatriz, por Virgílio Damásio. No entanto, Lauro Müller encaminhou a emenda à constituinte, que a nova Capital deverá se localizar no Planalto Central, dessa forma a Constituição Republicana de 1891 em seu Artº 3 estabelece que uma área de 14.000Km² do Planalto Central, demarcada à *posteriori* era da União para a construção da nova Capital (Brasília, 1960).

Na sequência dos fatos, em 1892, uma “Comissão Exploradora do Planalto Central” chefiada por Luiz Cruls (com uma equipe multidisciplinar) foi criada com o fim de explorar a região do Planalto Central para a demarcação da nova Capital. Essa Comissão ficou conhecida como Missão Cruls, e mesmo com a restrição de estudiosos sobre a escolha do lugar para implantação da futura Capital, foi em terras goianas a escolha para a Capital, um lugar de muita riqueza, e como afirma Auguste Glaziou em sua carta ao Sr. Dr. Cruls [...]

[...] Quanto á minha opinião, formada desde já, é com a mais solida e franca convicção que vos declaro que é perfeita a salubridade desta vasta planicie, que não conheço no Brazil Central logar algum que se lhe possa comparar em bondade. [...] A topographia do terreno, tão uniforme, permite o em I rego dos instrumentos aratorios mais aperfeiçoados; a flora riquíssima, com um cumbo ou physionomia de todo particular pela uniformidade, caracter geral impresso pera regularidade das condições climatologicas do ambiente que habita (Cruls, 1894, p. VIII, sic).

Mas ainda de acordo com Brasília (1960), a tentativa de mudança da capital para outra localidade não cessa com a Missão Cruls, que definiu no Planalto Central a melhor localidade, mesmo em 1905, com apresentação do Senador Dr. Nogueira Paraguá de um projeto para transferir a Capital para o planalto de Goiás, o Conde Afonso Celso, propõe no mesmo ano, a mudança da Capital para Belo Horizonte, e assim a capital mineira voltaria para Outro Preto, em Minas Gerais. Essa proposta, também, foi lançada ainda em 1891, mas não logrou êxito.

Algumas empresas se dispuseram a construir a nova Capital sem ônus para o Governo Federal, em troca de alguns favores, mas esses interesses particulares não encontraram espaço e projetos a favor dessa exploração também não lograram êxito. Em 1919, O Senador Justo Chermont “mandava lançar as pedras fundamentais” dos palácios do Congresso, no Planalto Central e somente 7 de setembro de 1922 foi colocada a pedra fundamental da futura Capital. A tentativa de abrir concorrência para construção da nova Capital surgiu ainda em 1922, para entregar a cidade pronta em 10 anos; e, em 1924, a proposta era de começar e terminar sua construção em um período de 5 anos. Como se sabe, nenhuma logrou êxito (Brasília, 1960, p. 40).

Com a Revolução de 1930, uma nova Constituição foi promulgada, e nela também o Artº 4 abordava a mudança da “Capital da União para um ponto central do Brasil.”, sendo que após a mudança do Distrito Federal para a nova localidade, passaria a ser um Estado. Este artigo não foi aplicado e em 1937 um nova Constituição do ‘Estado Novo’ foi decretada, não sendo abordada a transferência da Capital. (Brasília, 1960).

Em 1939, uma proposta de Carmem Portinho para a nova capital intitulada de “Plano urbanístico de Planaltina” foi desenvolvida como produto da tese do curso de pós-graduação em urbanismo (1934-1935), onde incluía os princípios do modernismo de Le Corbusier para a futura capital (Caixeta, 2012, p. 218), a proposta teve como subsídio de informações apresentadas pelo Relatório da Missão Cruls (Tavares, 2004; Caixeta, 2012). Sendo, a primeira proposta para a nova capital com princípios modernistas.

Ainda em 1939, Coimbra Bueno propõe a Getúlio Vargas a retomada da interiorização da Capital, lançando em 1940, em Goiânia a ‘Cruzada Rumo ao Oeste’ (Brasília, 1960, p.41) e em 1945 ele propõe uma Resolução para interiorizar a Capital por Segurança Nacional, afirmando que o novo Distrito Federal deveria ser transferido para o Planalto Central goiano, próximo à Formosa, onde já existia uma demarcação, sendo determinada na Constituição de 1946 a transferências para da nova Capital para o Planalto Central.

Em 1953, uma nova ‘Comissão de Localização da Nova Capital Federal’ foi decretada chefiada pelo General Caiado de Castro, com técnicos de diversas áreas e em 1955 definiu-se a área situada entre o Rio Preto e o Descoberto “o local compreendido entre o ribeirão Bananal e o córrego Fundo.” Dessa comissão originou o Relatório Belcher, onde estipulou a localização da nova Capital em um dos cinco sítios (azul, amarelo, castanho, verde e vermelho) levantados, dentro do retângulo de 50mil Km² pré-definido para a futura Capital, o estudo durou 10 meses (de abril de 1954 à fevereiro 1955) (Relatório, 1956). Esse relatório apresentou os cinco sítios, descrevendo: topografia, drenagem, utilização da terra, solos para agricultura, solos para engenharia e geologia, e ainda considerou os custos relativos de aquisição de terras entre os sítios. Dessa forma, ficou definido o sítio castanho com melhor potencial para implantação da futura capital levando-se em consideração:

O Sítio Castanho é particularmente favorecido pela drenagem regional porquanto seria possível aproveitar, como reservatórios adequados, as bacias hidrográficas desenvolvidas a montante da cidade, enquanto as águas servidas da cidade poderiam ser descarregadas a jusante e, dessa maneira, eliminaria as possibilidades de contaminação. Nesse particular, é também uma sorte o fato do Rio Paranoá apresentar uma longa série de quedas e corredeiras, condição que possibilita uma purificação natural das águas servidas descarregadas da cidade (Relatório, 1956, p. 249).

O presidente homologa a decisão da Comissão e muda o nome para ‘Comissão de Planejamento da Construção e da Mudança da Capital Federal’ onde se iniciam as desapropriações para a construção da Nova Capital. (Brasília, 1960, p. 42).

Em 1955, Raul Pena Firme, Roberto Lacombe e José de Oliveira Reis apresentam um projeto, que foi encomendado pelo Governo para o estudo da área destina ao futuro Distrito Federal, de acordo com Tavares (2004), sendo chamado de projeto Vera Cruz, onde elementos dessa proposta podem ser vistos no projeto de Lucio Costa, em 1957.

Em 1956, com a assinatura da ‘Mensagem de Anápolis’, pelo Presidente Juscelino Kubitschek (JK), cria a Companhia Urbanizadora da Nova Capital – NOVACAP, que receberia todos os encargos da construção da Nova Capital. E assim a NOVACAP inicia o processo para a mudança da Nova Capital, por meio de concursos, com a proposição do Plano Piloto. No concurso para a Nova Capital, 26 propostas foram apresentadas, onde o primeiro colocado foi o arquiteto e urbanista, Lucio Costa (Brasília, 1960; Tavares, 2004).

Nesse sentido, pode-se entender que Brasília era uma proposição muito antiga, por diversos interesses na sua interiorização, mas a proteção nacional à sede administrativa do país foi a que prevaleceu. A longa trajetória para o efetivo projeto e construção da Nova Capital durou nada menos que 168 anos, desde as primeiras ideias inconfindentes (1789) até o resultado do concurso (1957). A construção da cidade iniciou-se com a construção do Palácio da Alvorada, projeto de Oscar Niemayer, a residência presidencial da Nova Capital e que foi inaugurada dois anos antes do Plano Piloto, proposta de Lucio Costa.

Durante a construção de Brasília destacam-se alguns lugares que serviram de apoio ao Presidente e aos operários: primeiro, a fazenda Gama, onde o Presidente Juscelino Kubitschek que abrigou o presidente até a construção do Catetinho, próximo à Fazenda Gama. Segundo, a cidade livre, hoje o Núcleo Bandeirante, onde boa parte dos operários viviam, apenas o Museu Vivo da Memória Candanga (MVMC) que se manteve preservado da época. Outras localidades também serviram de apoio: a Vila Amaury (hoje debaixo d’água, no lago Paranoá), a Vila Telebrasilândia e a Vila Planalto, todos localizados na região do Plano Piloto.

3. A Proposta de Lucio Costa

“Nasceu de um gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, o próprio sinal da cruz” (Costa, 1957, p. 3). Esse gesto de dois eixos, monumental e rodoviário, é filiado ao pensamento urbanístico desde o *cardo e decumanus* romanos, passando pelas ideias inaugurais da disciplina urbanismo de Cerdá até as ideias corbusianas fundamentais para os Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAM).

A proposta do Plano Piloto de Lucio Costa possui traços da história do urbanismo mundial, mas também a tradição brasileira de projetar cidades, das cartas portuguesas às cidades que saíram da prancheta, Belo Horizonte, Goiânia, Volta Redonda, Palmas e outras.

Tudo está aqui, a institucionalidade da Praça Independência da Belo Horizonte de Aarão Reis, os eixos bem marcados da Goiânia de Atilio Correia Lima, a ampla paisagem das reformas do centro do Rio de Janeiro de Agache e o Aterro do Flamengo de Afonso Reidy, Carmem Portinho e Burle Marx.

Mas sem dúvidas, o grande mérito de Lucio Costa em relação aos concorrentes do Concurso de 1957 para o Plano Piloto de Brasília, está na percepção do conceito de capital e na lógica do espaço para representá-la.

Os dois eixos Leste-Oeste e Norte-Sul definem o conceito de capital e ao mesmo tempo trazem para paisagem de Brasília a monumentalidade necessária para sua representatividade e somando a tudo isso à experimentação de um projeto habitacional e educativo para a formação de um novo Brasil. Essa atitude, apesar de simples como define o urbanista, constrói originalidade e identidade próprias de Brasília. Sim, não é uma cidade como outra qualquer e nem deve ser tratada como tal.

Como cidade com características únicas, por sua história, por sua arquitetura e urbanismo inconfundíveis tem um cotidiano a ser registrado. Aquela cidade que na década de 70 mais parecia uma maquete na escala de 1:1 hoje desenvolvida, apresenta características de qualquer grande metrópole brasileira, como congestionamentos de carros, falta de estacionamento, espaços centrais degradados, o burburinho do centro urbano e a vida coloquial dos setores de habitação. Tudo isso envolvido por árvores que floresceram depois de décadas de sua inauguração.

O Relatório de 1957 e principalmente os croquis embrionários das imagens esquemáticas e aéreas talvez não pudessem prever a vida que tomaria conta da utopia. A realidade das experiências utópicas de início do século XX, como a Cidade Radiosa de Le Corbusier, com uma proposição para três milhões de habitantes, a Broadacre City de F. L. Wright, a cidade contemporânea de Tony Garnier, a cidade nova de Antônio Sant’Elia e outras perderam para a realidade.

Na Brasília proposta por Lucio Costa existe uma possibilidade na definição de elementos projetuais presentes na proposta de Brasília: monumentalidade, centralidade urbana, limites urbanos, sistema habitacional, sistema

viário e sistema funcional. O que articula e fortalece o conceito de cidade como um todo articulando-se com a teoria de Rossi (1968) da cidade como “arquitetura”. Para Alberti, a cidade é a “grande edificação” e a edificação uma “pequena cidade”. Nessa certeza, residia o fato de que aos arquitetos foram reservados no desenho e na construção de um artefato, a cidade, com objetivos de defesa, moradia, trabalho e circulação.

Lucio Costa possibilitou no projeto para o Plano Piloto de Brasília a verificação das seguintes diretrizes: a) o desenvolvimento de uma teoria que contemplasse a cidade como um todo; b) a crença do controle a partir do desenho; c) e a garantia de uma unidade formal. Tais diretrizes possibilitam a construção de referências do espaço urbano da capital brasileira, das quais trataremos em seguida.

3.1. MONUMENTALIDADE

Para Ferreira (2010, p. 719), tal conceito deriva da terminologia *monumento* – “obra ou construção destinada a transmitir à posteridade a memória ou fato de pessoa notável”.

Para Reigl (1984 apud Choay, 1999, p. 25), [...]

[...] “*monumento, seria, no sentido mais antigo e verdadeiramente original do termo, uma obra criada pela mão do homem e edificada com o objetivo de manter presente e viva na consciência de gerações futuras a lembrança*” [...]

[...] de determinada ação ou de determinada destinação, o que corrobora com Choay (1999) “o monumento faz parte de uma arte de memória e é encontrado praticamente em todas as culturas”.

Hall (1995) relaciona a monumentalidade ao principal instrumental de projeto da City Beautiful – a ideologia de poder e o impacto causado em um período de 40 anos de urbanismo na construção de cidades como Nova Deli, Washington, Camberra e outras, que representam o sistema totalitarista pessoal e a arquitetura como símbolo de poder. Para ele, um planejamento de ostentação, de uma arquitetura tal qual teatro, de um projeto para causar impacto.

Esse caráter monumental do desenho de Lucio Costa foi fundamental na “escolha de seu plano como o grande vencedor: Concebida não como simples organismo capaz de preencher satisfatoriamente e sem esforço as funções vitais próprias de uma cidade moderna qualquer, não apenas como *urbs*, mas como *civitas*, possuidora dos atributos inerentes de uma capital. E, para tanto, a condição primeira é achar-se o urbanista de uma certa dignidade e nobreza de intenção, porquanto dessa atitude fundamental decorrem a ordenação e o senso de conveniência e medida capazes de conferir ao conjunto” projetável caráter monumental. (Xavier, 1957, p. 265).

Definido como um grande eixo leste oeste o setor da monumentalidade teve no o sítio físico o gerador de determinadas atitudes para transformar pontos focais e marcos visuais em mirantes. Primeiro terraplano (a Praça dos Três Poderes), segundo terraplano (Plataforma Rodoviária) e terceiro Terraplano (a Torre de Televisão). Esse eixo será o mais emblemático dos setores, guardião das imagens simbólicas da capital federal e o terreno fértil para a construção da carreira do arquiteto e construtor da cidade, Oscar Niemeyer.

3.2. O CENTRO URBANO

Para Peponis (1992), o centro urbano está diretamente ligado com a constituição espacial de *centralidade*. Logo, o conceito de centro urbano relaciona-se com a integração de espaço, esse fator determina o grau de densidade, movimento e encontro que o centro urbano deva ter em relação à cidade como um todo.

Para Santos Neto (1991), esse conceito é imagético. Toda a cidade tem um centro, aqueles lugares dotados de marcas visuais ou sintaxes estruturadas que garantem essa conceituação pela percepção de seus usuários em territórios comuns e cotidianos.

Os verdadeiros centros situam-se, portanto, nos pontos de cruzamento das grandes vias de passagens, verdadeiros leitos de rios (Le Corbuseir, 1979). Nesses lugares de passagem, se havia concentrado os mercadores com seus banqueiros. E aqueles que trocam ideias: os sábios e os “ensinadores”, aqueles que ainda exprimem a vida urbana.

Lucio costa não teve a responsabilidade de criar uma cidade restrita para a era industrial, mas, uma cidade que representasse a “capital de um país moderno: uma cidade planejada para o trabalho ordenado e eficiente, mas ao mesmo tempo viva e aprazível, própria ao devaneio e à especulação intelectual” (Xavier, 2007, p. 271).

Com o propósito de imprimir ao centro sofisticação e vivência dos grandes centros urbanos europeus, Lucio Costa estabeleceu um programa de necessidades para uma rica vida urbana: estação central, teatros, lojas, restaurantes e outros. Uma “mistura de Piccadilly Circus, Times Square, Champs Elysées e a vida gregária” de Veneza (Xavier, 2007, p. 268).

O centro urbano do Plano Piloto de Brasília resultante do cruzamento dos dois eixos monumental e rodoviário tinha a nítida pretensão de diferenciar-se do monumental representativo leste oeste e do cotidiano do eixo norte e sul. Nos croquis iniciais de Lucio Costa para o centro urbano de Brasília percebe-se a falta de clareza e definição no que diz respeito ao desenho para esse setor da cidade, se comparados com os croquis para a Praça dos Três Poderes, a Torre de Televisão e a organização da Superquadras residenciais.

Logo, o centro urbano não tem forma, ele se transforma e se molda na realidade. Vielas, lojas, prédios com neons e propagandas, esse é o espírito impresso por Lucio Costa. O gregário, o não monumental, onde os corpos se encontram e se compartilham. Talvez um centro de cidades do século XIX, representado pelas galerias parisienses tão adoradas por Walter Benjamim, ou os lugares de perambulação tão reivindicados pelo urbanismo situacionista, opostos a cidade monumental ou a cidade do espetáculo.

3.3. SISTEMA VIÁRIO

Muitos daqueles eixos de origem na Roma Barroca do Papa Sisto V, com simples intuito de criar belas perspectivas, começaram a ser interpretados como fatores de mobilidade. Para Le Corbusier, seria o aumento dos meios de circulação que modificariam completamente a concepção atual da rua.

O grande exemplar dessa completa transformação foi a Paris de 1853. Todas as ruas criadas no período do despotismo foram enquadradas no forte desenho de Haussmann, ao longo da linha dos grandes bulevares.

Portanto, o sistema viário do Plano Piloto de Brasília em uma rigorosa geometria - a malha urbana de Brasília é internacionalmente conhecida por dois eixos que se cruzam, norte-sul e Leste-Oeste, representando respectivamente o eixo rodoviário habitacional e o eixo dos monumentos e civismo.

3.4. SISTEMA FUNCIONAL

Segundo Secchi (2006), a partir do século XIX, o Estado e a ciência, que ora se constituem em nações soberanas, estabelecem um conjunto de conhecimentos e de instrumentos para a promoção da civilização e da virtude pública. Esses instrumentos e conhecimentos se fazem presentes no estabelecimento da saúde e da educação como serviços públicos, na expansão da oferta de equipamentos e serviços confiados a especialistas – garantidos e controlados pelo Estado. Essa especialização de equipamentos e do próprio espaço urbano torna-se um decisivo passo à frente para o controle da vida privada.

Entretanto, é a partir do século XVIII – com a clara decomposição do espaço urbano e com a separação espacial dos locais dos espaços residenciais, bem como dos lugares onde se desenvolveram as outras práticas sociais – que a cidade se torna um imenso dispositivo de regulação também da vida de seus habitantes, de suas relações com o próprio corpo, de suas relações recíprocas com espaço e tempo.

No que concerne ao relatório de Lucio Costa, esse foi preciso na definição de setores e de equipamentos que serviriam a nova capital. A proposta de Lucio Costa, assim como as de outros concorrentes do concurso de 1957, definiu e detalhou o programa de necessidades categoricamente. Atividades que apresentaram a relação direta com a forma proposta para a nova capital, uma crença no programa de necessidades e a fé de que tais atividades seriam suficientes para o funcionamento da nova capital, como definido no princípio da Carta de Atenas: “Zoneamento é a operação executada sobre um plano de cidade, com o fim de dar a cada função e a cada indivíduo seu lugar” (*apud* Le Corbusier, 1993).

É nesse sistema funcional, no sistema viário, no centro urbano e na monumentalidade que se edifica a Nova Capital, Brasília. Muitas alterações e expansões ainda viriam a surgir depois de sua ocupação, não durou muito para isso acontecer, da concepção original, em 1957, passando por 1965 e as drásticas alterações ocorridas até 1986, que resultou para Lucio Costa, o desenvolvimento de um relatório chamado Brasília Revisitada, onde ele considera lugares para preservar o patrimônio que Brasília já era e que veio a ser tombado somente em 1990.

4. A história recente, o patrimônio e monumentos que praticamente nasceram como ‘patrimônio tombado’ em Brasília

Com 60 anos de existência, e com uma história recente, Brasília possui uma trajetória de sua criação, implantação e seu desenvolvimento com grande valor para o país, são de características únicas, se colocando na história nacional e até mesmo na história mundial de grande importância e inconfundível até mesmo do espaço, como disse o astronauta. Com um conjunto arquitetônico único, que em grande maioria é de Oscar Niemeyer, e que ninguém pode contestar é que “podem gostar ou não gostar da minha obra, mas nunca podem dizer que viram algo igual”, mas o que de fato todos podem concordar é o valor, enquanto monumento histórico, tanto no urbanismo, como na arquitetura, para a humanidade.

Mas mesmo com a importância da Capital para o interesse urbanístico, arquitetônico e histórico, só veio a ser tombado em 1987 e 1990, nas instâncias Distrital e Federal, respectivamente. Até então o único monumento de valor histórico que havia sido tombado era o Palácio de tábuas, o Catetinho¹, a então segunda moradia do Presidente no Distrito Federal [DF], depois da casa da Fazenda Gama.

O Catetinho foi construído em 10 dias, seu diário de construção foi publicado no Diário oficial, o palácio foi logo tombado, devido ao valor afetivo que ele possui, foi a moradia e base para construção de Brasília, para o presidente e os diretores da NOVACAP. De acordo com Catetinho (sem data) o Palácio do Catetinho foi tombado na categoria monumento histórico e, praticamente, nasceu tombado, pelo simbolismo que ele representa como Catetinho (sem data) apresenta, por sua representação na “saga da construção de Brasília”.

O palácio de tábuas, a Placa de Rui Barbosa e o conjunto urbano do Plano Piloto foram tombados na instância Federal, nos anos de 1959, 1986 e 1992², respectivamente, e somente esses bens permaneceram tombados no Distrito Federal até 2007, quando no centenário do aniversário de Oscar Niemeyer, o arquiteto solicita o tombamento de 27 edifícios e/ou conjuntos em Brasília, entre projetos de autoria dele e de Lucio Costa, exceto a Catedral Metropolitana, que já havia sido tombada em 1967 (Patrimônio, 2009). Dessa forma, os prédios, espaços e/ou conjuntos tombados em Brasília estão presentes no Quadro 1.

O conjunto urbanístico de Brasília foi tombado em duas instâncias³, o Federal (IPHAN, desde 1992) e o Distrital (Decreto Distrital, 1987) e também incluído na lista do Patrimônio Mundial da UNESCO, desde 1987 (Plano Piloto, 2009). E os demais monumentos históricos solicitados, por Niemeyer, para tombado em 2007 entraram no tombamento na instância Federal (Patrimônio, 2009).

Quadro 1. Relação dos bens tombados, ano, instância e registro do tomo.

Monumentos históricos	Ano de inauguração da obra	Arquiteto autor da obra	Ano de tombamento	Instância de tombamento	Livro do tomo N° de Processo
Capela Nossa Senhora de Fátima – Igreja – inclui os jardins e o painel de Athos Bulcão e demais bens integrados.	28/06/1958	Oscar Niemeyer Athos Bulcão	2007	Federal	1550-T-07
				Distrital	5.469/82 Livro II – Edifícios e monumentos Isolados.
Casa de Chá	sem informação	Oscar Niemeyer	2007	Federal	1550-T-07
Catedral Metropolitana de Brasília Inclui todo seu acervo	Iniciada em 1960 e concluída em 31/05/1970	Oscar Niemeyer	1967	Federal	0672-T-62 Livro do Tombo de Belas artes – Ins. N° 485-A de 01/06/1967
Catetinho	10/11/1956	Oscar Niemeyer	1959	Federal	0594-T-59 Livro do Tombo histórico Ins. N° 329 de 21/07/1959
Congresso Nacional, painéis de Athos Bulcão e Jardins de Burle Marx e demais bens integrados	21/04/1960	Oscar Niemeyer Burle Marx Athos Bulcão	2007	Federal	1550-T-07
Conjunto Cultural da República ou Conjunto Cultural Sul inclui: Museu da República Honestino	15/012/2006 (Museu)	Oscar Niemeyer	2007	Federal	1550-T-07

¹ O Catetinho tem esse nome em homenagem ao Palácio do Catete no Rio de Janeiro, residência oficial do presidente no Rio de Janeiro, e sendo o palácio de tábuas, a residência provisória do presidente no planalto central, Dilermando Reis, professor de violão de JK, resolve intitular a morada provisória de Catetinho (Catetinho, sem data).

² Essas datas são do tombamento definitivo. Embora a partir do momento que o proprietário seja notificado da intenção de se tornar, o bem a ser tombado fica em situação de tombamento provisório o que equivale ao tombamento definitivo, segundo Patrimônio (2009).

³ De acordo com Patrimônio (2009), as instâncias de tombamento no Brasil são “Federal e Distrital” para o caso de bens pertencentes ao Distrito Federal; e Federal, Estadual e Municipal para os bens pertencentes às demais cidades brasileiras.

Guimaraes Biblioteca Nacional Leonel Brizola e espaço entre os prédios (a praça)	11/12/2008 (biblioteca)				
Conjunto Cultural Funarte inclui galerias Fayga Ostrower e Marquise	Sala Cássia Eller (1978) / Teatro Plínio Marcos (1991)	Oscar Niemeyer	2007	Federal	1550-T-07
Conjunto do Palácio da Alvorada (incluindo a capela), demais bens integrados	30/06/1958	Oscar Niemeyer	2007	Federal	1550-T-07
Conjunto dos Ministérios e anexos	1960 (primeiros blocos)	Oscar Niemeyer	2007	Federal	1550-T-07
Conjunto Urbanístico de Brasília		Lucio Costa	1990	Mundial	Patrimônio Mundial – Insc. N° 445 de 07/12/1987
				Federal	Livro do Tombo histórico Ins. N° 532 de 14/03/1990
				Distrital	Dec. N° 10.829 de 14/10/1987
Edifício do Touring Club do Brasil inclui a passagem de servidão subterrânea até a praça do CONIC	1962	Oscar Niemeyer	2007	Federal	1550-T-07
Espaço Lúcio Costa incluindo seu acervo	27/02/1992	Oscar Niemeyer	2007	Federal	1550-T-07
Espaço Oscar Niemeyer	1988	Oscar Niemeyer	2007	Federal	1550-T-07
Memorial dos Povos Indígenas	1987	Oscar Niemeyer	2007	Federal	1550-T-07
Memorial JK, inclui Paineis de Athos Bulcão, vitrais de Marianne Peretti, entre outros bens	12/09/1981	Oscar Niemeyer Athos Bulcão Marianne Peretti	2007	Federal	1550-T-07
				Distrital	9.411/86 Livro II -Edifícios e monumentos Isolados.
Museu da Cidade e bens integrados	21/04/1960	Oscar Niemeyer	2007	Federal	1550-T-07
				Distrital	5.469/82 Livro II -Edifícios e monumentos Isolados.
Palácio da Justiça inclui Jardins do Burle Marx, painel do Athos Bulcão e demais bens.	03/07/1972	Oscar Niemeyer Burle Marx Athos Bulcão	2007	Federal	1550-T-07
Palácio do Planalto inclui parlatório, espelhos d'água, jardins e painel de Burle Marx	21/04/1960	Oscar Niemeyer Burle Marx	2007	Federal	1550-T-07
Palácio Itamaraty e anexos Jardins de Burle Marx Painel Athos Bulcão e demais bens.	21/04/1970 (Palácio e anexo I)	Oscar Niemeyer Burle Marx Athos Bulcão	2007	Federal	1550-T-07
Palácio Jaburu inclui painéis de Athos Bulcão e Marianne Peretti, Jardins de Burle Marx e demais bens integrados	1973	Oscar Niemeyer Athos Bulcão Marianne Peretti Burle Marx	2007	Federal	1550-T-07
Panteão da Pátria e Liberdade Tancredo Neves, inclui painel de Athos Bulcão e demais bens integrados.	07/09/1986	Oscar Niemeyer Athos Bulcão	2007	Federal	1550-T-07
Placa de Ouro oferecida à Rui Barbosa, por sua participação no Congresso de Haia, Holanda, 1907.	1907	Congresso de Haia	1986	Federal	1187-T-85 Livro do Tombo histórico Ins. N° 508 de 14/08/1986
Pombal	1961	Oscar Niemeyer	2007	Federal	1550-T-07
Praça dos Três Poderes inclui as esculturas e o Marco de Brasília Patrimônio da Humanidade de Oscar Niemeyer	21/04/1960	Lucio Costa Oscar Niemeyer	2007	Federal	1550-T-07
Quartel General do Exército inclui quartel, teatro Pedro Calmon e Monumento à Caxias, painel do Athos Bulcão e a Praça dos Cristais.	(data do projeto apenas: 1968)	Oscar Niemeyer Burle Marx Athos Bulcão	2007	Federal	1550-T-07
Supremo Tribunal Federal inclui painel de Athos Bulcão.	21/04/1960	Oscar Niemeyer Burle Marx Athos Bulcão	2007	Federal	1550-T-07
Teatro Nacional Claudio Santoro inclui todo o acervo, como: Jardins Burle Marx, Painel	21/04/1981	Oscar Niemeyer Burle Marx Athos Bulcão	2007	Federal	1550-T-07

de Athos Bulcão, entre outros bens.					
Museu Vivo da Memória Candanga (Antigo Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira – HJKO) também em madeira	1957 – construído HJKO 1990 – O Museu	NOVACAP-depto. Dirigido por Oscar Niemeyer	2015	Federal	2015
			1985	Distrital	Decreto nº 9.036 de 13/11/1985
Fazenda Gama	Instrução	–	Instrução	Instrução	Instrução
Torre de TV	Instrução	Lucio Costa	Instrução	Instrução	Instrução
Beijódromo	Instrução	João Filgueiras Lima – Lelé	Instrução	Instrução	Instrução
Edifício Sede I – Banco do Brasil	1959-1960	Ary Garcia Roza Ivo Azevedo Penna	Instrução	Instrução	Instrução

Fonte: Patrimônio, 2009; Plano Piloto, 2009; Cateetinho (sem data); Iphan (2019); Governo (1985); Gabriele (2012); Annab, (2015).

Há uma importância no sentido de preservar os edifícios de valor histórico, arquitetônico e espaços de valor urbanístico e paisagístico, tombando-os para resguardar o passado, usufruto da geração presente e garantia para as futuras gerações, como abordado por Kallas, Guillen-Salas e Silva (2020). Nesse sentido os autores, também apontam:

[...] o caráter de herança cultural de bens, que inicialmente o argumento utilizado para a proteção dos bens era só o interesse artístico, que os bens herdados têm valor simbólico e podem ser materiais ou imateriais e, que os bens devem ser destinados ao usufruto de uma comunidade; (Kallas, Guillen-Salas e Silva, 2020, p. 9)

É nesse sentido, que Brasília possui tombamentos como os assinalados no Quadro 1, com edifícios e lugares carregados de valor simbólico, como também históricos e de grande interesse no campo da arquitetura e urbanismo, sendo esse valor simbólico dos bens materiais e imateriais que foram herdados, conforme descreve Kallas, Guillen-Salas e Silva (2020, p. 9). É bem verdade que para muitos, há lugares que deveriam ser tombados, como a Plataforma Rodoviária e a Rodoferroviária e muitos outros espaços, devido ao simbolismo e seu valor histórico, lembrando que a Torre de TV, já possui uma instrução e o Governo do Distrito Federal já mantém a Torre, com reformas necessárias para seu uso. Além do tombamento de novas edificações, também é necessário a preservação do que já está tombado, impedindo alterações como as que ocorrem no Conjunto Urbano de Brasília (CUB), que mesmo tombado sofre alterações no plano piloto proposto por Lucio Costa.

5. Brasília revisitada

Brasília Revisitada 1985/87 “surgiu como complementação, preservação, adensamento e expansão urbana de Brasília” por Lucio Costa devido às alterações que a cidade vinha sofrendo se distanciando da proposta original. Lucio Costa complementa com projetos urbanísticos e arquitetônicos, propõe a preservação da estrutura escalar da cidade, estabelece o adensamento e propõe a expansão urbana das cidades satélites e de habitações econômicas. (Plano Piloto, 2009, p. 71)

Diante desse relatório coube a regulamentação de um Decreto do Governo do Distrito Federal N° 10.829 de 14/10/1987 e uma Portaria N° 314/Iphan de 08/10/1992 estabelecida corroborando o descrito no Relatório Brasília Revisitada de Lucio Costa para preservar Brasília de possíveis alterações drásticas que pudessem desconfigurar o traçado urbanístico resultando na Figura 1 e Figura 2. Lucio Costa (Plano Piloto, 2009) esclarece que “a concepção urbana de Brasília se traduz em quatro escalas distintas: “a simbólica e coletiva, ou Monumental; a doméstica, ou Residencial; a de convívio, ou Gregária, e a de lazer, ou Bucólica.” (Lucio Costa, 1987 citado por Relatório, 2014).

Nesse sentido, com a consolidação da cidade e as ocupações não previstas do plano piloto, além da expansão urbana, alteração de uso de algumas edificações, o fechamento por grade dos pilotis, ocupação de áreas verdes por edificações permanentes são algumas das observações que Lucio Costa resolve reorganizar a cidade em Brasília Revisitada e que de forma resumida apresenta apenas as principais características por escalas, a seguir.

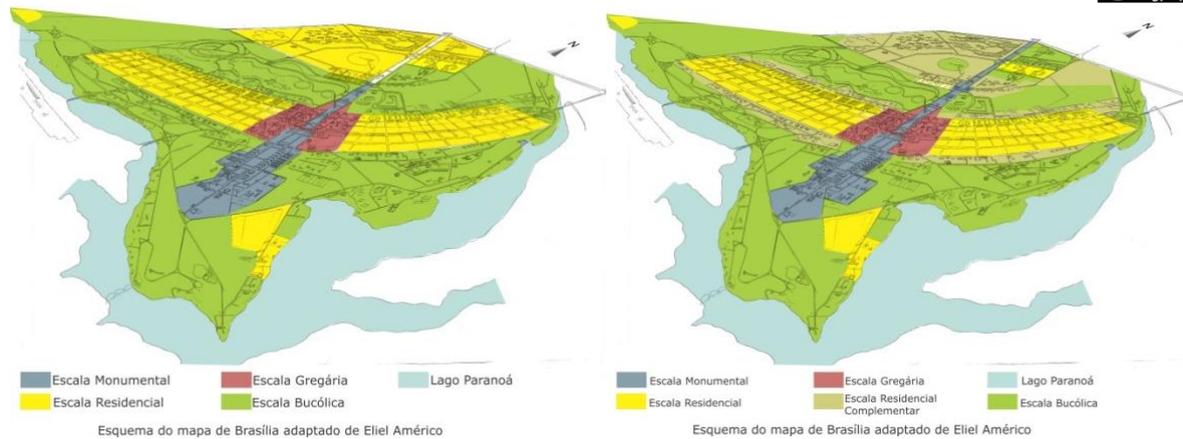


Figura 1. mapeamento das escalas de Brasília segundo Brasília Revisitada, Decreto GDF e Portaria Iphan. Fonte: Modificado de Brasília Revisitada, Decreto GDF e Portaria Iphan. (Plano Piloto, 2009).

Figura 2. mapeamento das escalas de Brasília segundo proposta do PPCUB. Fonte: Modificado de Governo, 2017.

5.1. ESCALA MONUMENTAL

É o Eixo Monumental, retilíneo, onde se localizam os edifícios que mantêm um sentido de verticalidade, como as torres do congresso e a Torre de TV, ainda a compõem a Praça dos 3 Poderes, o gramado central, área *no aedificandi*, no sentido leste-oeste (Plano Piloto, 2009).

Em 1986, diferente da proposta de 1957 e da implantação existente em 1965 (Relatório, 2014), o Eixo monumental havia se expandido, o que antes saía da praça dos 3 Poderes e alcançava a Praça Municipal, hoje Praça do Buriti, com seu entorno destinado aos quartéis e alguns serviços de armazenagem e indústria, hoje alcança a Estrada Parque Indústria e Abastecimento (EPIA), onde está localizada a Estação Rodoferroviária, esquema simplificado apresentado na Figura 1.

Outras alterações e riscos de prejuízo ao patrimônio de Brasília à época do relatório de Lucio Costa, Brasília Revisitada, faz com que ele proponha entre outras, a retirada das Palmeiras Imperiais colocadas no eixo rodoviário e passe para o eixo monumental, ao longo dos ministérios em 30 renques, sendo 15 duplos e 15 singelos e as Palmeiras devem se distanciar em 7 metros, pois para o autor de Brasília a presença dessas espécies no eixo rodoviário era nas palavras dele “inadmissível”.

5.2. ESCALA RESIDENCIAL

No Setor Residencial, Lucio Costa propôs o modelo de superquadras com um gabarito baixo e homogêneo de 6 pavimentos, onde o térreo é livre para acesso de todos os pilotis e os edifícios são apresentados em lâminas. Segundo Relatório (2014), os blocos se dispõem de forma variada, mas Ferreira e Gorovitz (2010, p.52) apresentam uma exceção na SQS 207, sendo reformulada em 1974, “substituíram as lâminas por torres geminadas e rotacionadas que contrastam com a ortogonalidade do entorno.” Essa alteração não permite o acesso livre e contínuo entre os pilotis, proposta inicial. Nessa escala, encontram-se também os comércios locais nas entradas das SQS, bem como outras atividades complementares às características de bairro nas entrequadras, como igrejas, escolas, clube, cinema, e quadras esportivas.

Outra alteração em relação à proposta de 1957 é a faixa onde hoje se encontram as 400,700 e 900. Hoje as 400 são Superquadras Norte e Sul (SQS e SQN seguidos da numeração 402 a 416) de 3 pavimentos e que antes eram destinadas às embaixadas (hoje localizadas nas 800); assim como, as 700 que antes eram destinadas à horticultura, pluricultura e pomar, hoje são os Setores de Habitações Individuais Geminadas Sul e Norte (SHIGS e SHIGN); e as 900 que antes eram pertencentes à área bucólica, hoje são os Setores de Grandes Áreas Sul e Norte (SGAS e SGAN) (Reis, 2014).

5.3. ESCALA GREGÁRIA

Essa escala refere-se ao Centro de Brasília, o lugar de encontros, onde ocorrem serviços, comércio e atividades de diversões, contempla a intersecção entre o eixo rodoviário e o eixo monumental.

Na escala do convívio social, a proposta inicial de Lucio Costa traz a ideia de várias referências visuais, sobre as propagandas das Fachadas do Setor de Diversões Norte e Sul (SDN e SDS), respectivamente o Conjunto

Nacional e o CONIC, que a frente destes há praças que ligam tanto a Casa de Chá – CONIC, como o Teatro Nacional – Conjunto Nacional e entre as Praças, a Plataforma superior da Rodoviária do Plano, com estacionamentos no lado Norte e Sul.

Visam ao convívio também os Setores Comerciais, Setores Bancários, de Autarquias, Hoteleiros e de Rádio e TV Sul. Sendo que os Setores Comerciais e o de Diversões possibilitam o trânsito de pedestre cruzando com o trânsito de automóveis.

5.4. ESCALA BUCÓLICA

Essa escala é o que dá o caráter de cidade-parque à Brasília e “configura todas as áreas livres [...]” esta escala entremeia-se nas residenciais por meio da arborização entre os blocos. Além disso, os parques são o lugar de lazer, como o parque da cidade, onde antes fora proposta o Jardim Botânico. E atualmente, esse fora transferido para depois da asa sul. (Plano Piloto, 2009)

Nas Figuras 1 e 2 apresentadas em verde, demonstram a estrutura de cidade-parque. De outro lado, e como forma de preservação, algumas quadras das SQN destinadas à residência foram suprimidas para darem lugar a efetivos parques, para impedir a futura ocupação por edifícios residências, devido a presença de olhos d’água, como na SQN213, SQN 413 e SQN 414. Nas duas últimas, se localiza hoje o Parque Olhos D’água.

O estabelecimento das escalas por Lucio Costa esclarece ainda mais sobre a proposta do arquiteto, visando a preservação do Conjunto Urbano de Brasília, sem impedir sua expansão, pois o mesmo propõe para onde Brasília deve crescer. Dessa forma, ela apenas educa para o uso e ocupação da cidade de uma forma a preservar as características iniciais da cidade.

6. Os riscos ao tombamento do conjunto urbanístico de Brasília e os valores de seu patrimônio

Além das alterações observadas nas escalas descritas acima, existem expansões irregulares ocorridas dentro do Plano Piloto, como a Vila Planalto e Vila Telebrasilândia, hoje regularizadas. E outras áreas ocupadas dentro do plano que ainda não foram regularizadas, como a área do Setor de Embaixadas Sul da 813 (SES 813) ao lado do parque Ecológico da Asa Sul no Setor de Grandes Áreas da 614.

De outro lado, outros prejuízos ao tombamento são as ocupações irregulares nas áreas verdes dos Comércio Locais das áreas residenciais, que diminuem a proposição inicial de Lucio Costa destinada à área verde (que representa a escala bucólica) dentro da escala residencial ou ainda a alteração de uso dos comércio locais da Asa Norte para residências.

E a orla do Lago, pertencente à escala bucólica e que inicialmente foi destinada ao acesso público, e que pouco a pouco as moradias do entorno do lago “privatizaram” a orla. Em 2015, iniciou a desocupação da orla do Lago Paranoá visando devolver à população, a orla que é pública, exceto as destinadas aos clubes (Distrito Federal, 2015)

Muitos prejuízos em detrimento ao Plano urbanístico original de Brasília, o pouco valor patrimonial dado por parte de alguns cidadãos brasileiros que acreditam não gostar de Brasília, a isso Lucio Costa comenta “Não vale a pena sair de seus cuidados para visitar Brasília se vocês já têm opinião formada e ideias civilizadas preconcebidas. Fiquem onde estão” (Revista *Techniques et Architecture*, anos 70 citado por COSTA, 2001, p.106, sic). Em relação a isso os autores acreditam que a ideia preconcebida sobre Brasília, deve-se a falta de vivência do cidadão no Plano Piloto, e que portanto, para se afirmar qualquer coisa a respeito de Brasília o cidadão deve mesmo vivenciá-la.

De outro lado, Brasília com sua importância mundial, entra para a Lista do Patrimônio Mundial da UNESCO segundo Governo (2017) pelos valores histórico, paisagístico, estético e artístico-cultural. Isso se deve aos novos paradigmas no campo da arquitetura, do urbanismo, do paisagismo e das artes de uma forma geral que Brasília proporcionou para o mundo.

7. A documentação e a valorização do patrimônio em Brasília por meio dos *Urban Sketchers* Brasília/DF

7.1. O PAPEL DOS DESENHISTAS DE RUA

Os desenhistas de rua possuem um papel fundamental para o resgate e valorização do patrimônio material e cultural das cidades, como já descrito por Kallas, Guillen-Salas e Silva (2020). Nesse sentido, os grupos de

desenhos de rua aportam à conservação e preservação das cidades, buscando valorizar os patrimônios da cidade por meio da documentação aparente por meio dos *sketches*.

Nesse sentido os desenhistas ou um grupo de desenhistas de rua além dessa documentação aparente, também propiciam um olhar apurado para problemas da cidade, tomando um papel importante, de avaliador da cidade e da arquitetura, dos problemas que podem ocorrer em um determinado lugar.

Como descrito por Kallas, Guillen-Salas e Silva (2020) promover o saber histórico sobre os lugares da cidade, possibilitam uma análise crítica e agrega “a consciência patrimonial” em cada cidadão. Dessa forma apresenta-se a seguir a metodologia do grupo ao desenhar os espaços.

O grupo de *Urban Sketchers* Brasília/DF, nesse sentido, tem contribuído para a valorização do patrimônio de Brasília documentando por meio dos *sketches* a cidade, os edifícios, as pessoas que ali vivem. O grupo tem contribuído para criar uma noção de pertencimento à cidade e criando um vínculo afetivo com o local desenhado, capaz de estabelecer e/ou reforçar a educação patrimonial, possibilitando conhecer a história local, a compreender melhor a cidade, os edifícios e seu entorno.

7.2. METODOLOGIA DO GRUPO DE *URBAN SKETCHERS* BRASÍLIA/DF

O grupo possui atualmente quatro coordenadores/representantes que são responsáveis pela escolha de lugares e identificação sobre a história do lugar. Nesse sentido, o procedimento para escolha dos lugares é:

- Importância do lugar para a cidade, como arquitetura ou espaços de valor histórico;
- Uma lista de lugares é composta, algumas necessitam de agendamento para visita e em outros casos, a lista passa por votação pelos membros do grupo para aqueles lugares que tem mais interesse na visita;
- Marca-se o dia e horário, que normalmente é sábado à tarde, devido ao quórum ser maior permitindo maior segurança com um grupo em número maior, evitando-se grupos de três pessoas;
- No dia, horário e local marcado o grupo se reúne, onde o número de pessoas tem uma variação, como pode ser visto na Figura 3 e no Quadro 2. Com o grupo reunido, a escolha para desenhar uma cena do local é livre, enquanto decorre o horário do desenho, os representantes vão explicando o local, a história, quem desenvolveu a obra, etc. Nesse momento, críticas e elogios dos participantes em relação ao local são tecidos e, nesse momento ocorre a troca do saber, a cognição do espaço.
- Após o decurso de 1h30 do desenho, os integrantes daquele dia se reúnem em algum espaço, onde os desenhos são mostrados, técnicas, vistas, etc. e ao fim fotografa-se os desenhos e os integrantes para registro e inclusão nas redes sociais conforme o manifesto do grupo, “um desenho por vez”.

Com esse procedimento, os integrantes vão criando laços de pertencimento com a cidade, apropriação e de identificação dos lugares, com a criação de um sentimento de civismo com a cidade.

O grupo de desenho *Urban Sketchers* Brasília/DF possui quase 6 anos de existência, com 63 encontros oficiais desde 2015, com atividades suspensas desde março devido à pandemia em 2020. Os encontros ocorrem pelo menos uma vez por mês. Além de encontros extras, quando visitantes de grupos de desenho de outras cidades vem à cidade. Ao menos 60 lugares já foram desenhados pelo grupo (Ver Quadro 2 e Figura 3). Dessa forma, serão apresentados nos resultados e discussão, os desenhos conforme localidades de Brasília para uma melhor compreensão da intenção de pertencimento e civismo com a cidade.

Quadro 2. Levantamento dos encontros do *Urban Sketchers* Brasília/DF.

Local por ordem	Nº	Local por ordem	Nº	Local por ordem	Nº	Local por ordem	Nº	Local por ordem	Nº
1. Parque Olhos D'água	4	14. CCBB	4	27. Teatro Nacional	7	40. Complexo Cultural da Republica	12	53. Estação de Metro	7
2. Praça dos Cristais	4	15. Praça dos 3 poderes	8	28. Catedral de Brasília	10	41. Descentralizado	-	54. Instituto Serzédello Corrêa do TCU	11

3. Torre de TV	3	16. CONIC	7	29. Congresso Nacional	6	42. ESAF	5	55. Parque Ana Lúcia	12
4 Pirenópolis GO	11	17. Setor Bancário Sul	6	30. CLS 107/108	5	43. Igreja Ortodoxa São Jorge	15	56. Itamaraty	8
5. Parque Ermida Dom Bosco	2	18. Beira Lago	14	31. Palácio do Buriti	6	44. TST	9	57. Torre digital – Lago Norte	6
6. Setor Comercial Sul	8	19. Mercado das Flores (SHS)	11	32. Santuário Dom Bosco	9	45. Jardim Botânico	7	58. Igreja Luterana na EQS 405/406	6
7. Calçada da Asa Norte	6	20. Catetinho	9	33. SQN 302	5	46. Catedral Baleia	15	59. Capela Rainha da Paz-Octogonal	7
8. Praça do Conjunto Nacional	4	21. Igreja São Francisco de Assis / Gama	8	34. Planetário	11	47. Tribunal Superior Eleitoral	8	60. Fazenda Gama	8
9. Complexo Cultural da República	5	22. Museu Vivo da Memória Candanga	7	35. Casa de Niemeyer	8	48. Concha Acústica	6	61. Praça Lucio Costa em frente ao Conjunto Nacional	11
10. Feira da Torre	5	23. Rodoferroviária	7	36. Minhocão da UnB (ICC Norte)	10	49. Parque da Cidade D. Sarah Kubichek	6	62. Desde a janela de sua casa	–
11. Igrejinha	9	24. QG do Exército	9	37. Mansão dos Arcos	24	50. Catedral de Brasília	17	63. Desde a janela de sua casa	–
12. Memorial dos Povos Indígenas	8	25. SQS 308	10	38. DNIT	12	51. Praça do Relógio – TAGUA	12	Espaço destinado para futuros encontros presenciais do grupo.	
13. Palácio da Justiça	8	26. Beijódromo + Reitoria UnB	6	39. Clube do Choro	14	52. Rodoviária do Plano Piloto	7		

Fonte: *Urban Sketchers* Brasília/DF.

Descrição: amarelo – ano 1; azul – ano 2; verde – ano 3; vermelho – ano 4 e cinza – ano 5. O 41º Encontro de *Urban Sketchers* foi descentralizado (o primeiro evento desde sua própria casa), devido à greve sobre o transporte público. Os últimos 62º e 63º encontros foram da mesma forma desde sua casa, devido à pandemia.

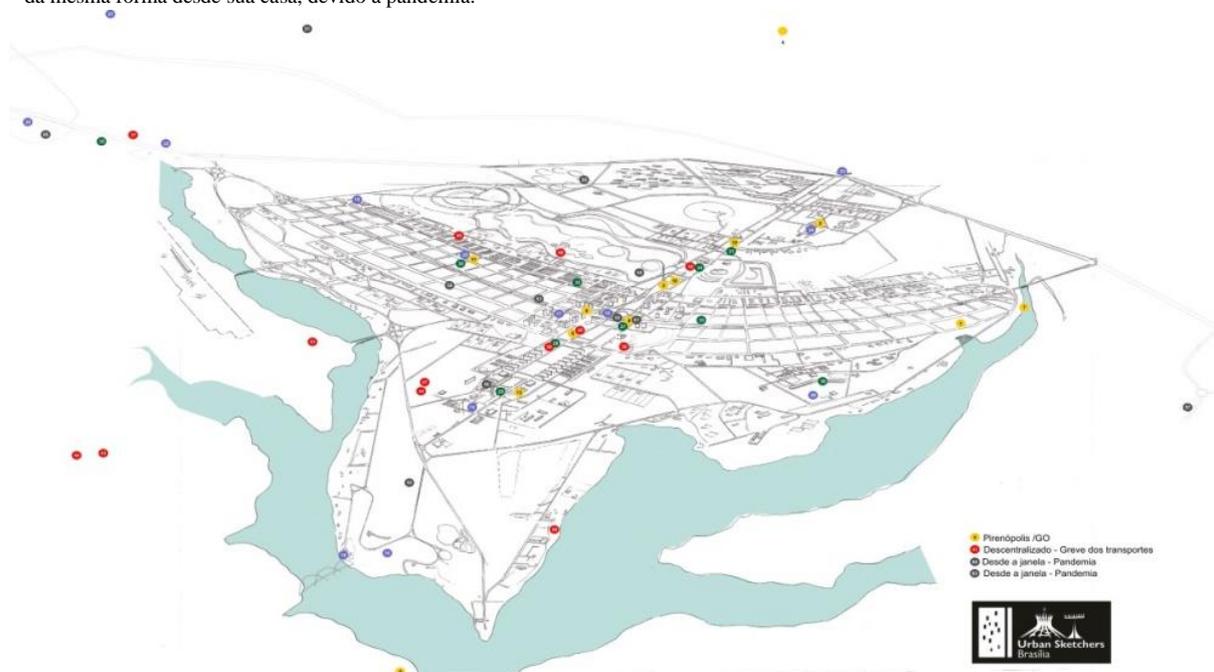


Figura 3. Mapeamento dos encontros do *Urban Sketchers* Brasília/DF.

Fonte: Mapa construído a partir de Eliel Américo com informações coletadas no arquivo do grupo *Urban Sketchers* Brasília/DF.

Durante o mapeamento dos encontros do *Urban Sketchers* Brasília/DF pelos autores foi possível vivenciar, novamente, todos os lugares pelo qual o grupo percorreu, rememorando as histórias de cada lugar desenhado,

pois quando se desenha o lugar, consegue-se assimilar melhor aquilo que se vê e percebe, tanto os fatos do momento, quanto da história do lugar, pois é um registro em detalhes, fazendo a história permanecer por mais tempo na memória.

Os mais de 60 lugares percorridos pelo grupo de desenho demonstram a apropriação da cidade por meio dos *sketches*, como pode ser visto no Quadro 2, com uma constância média de 8 membros do grupo, e dias em que o local visitado é de interesse maior, como a Mansão do Arcos, projeto do arquiteto Joao Filgueiras Lima, o Lelé, onde o proprietário da Mansão propiciou uma aula de história da execução da casa, realizada por um artesão espanhol e por sua própria família. Nesse dia, 24 membros participaram do 37º Encontro dos *Urban Sketchers* Brasília/DF, onde também se comemorou 3 anos de existência do grupo.

8. Resultados e discussão

Diante dos lugares desenhados pelo grupo, tanto nos encontros⁴, como de forma individual, os quadros 3, 4, 5, 6 e 7 se distribuem em 5 itens claros sobre Brasília, o primeiro, o Quadro 3 apresentam os símbolos do que se intitulou antecedentes de Brasília, apresentando os 4 lugares que se referem ao período anterior a construção de Brasília ou durante sua construção, como a Fazenda Gama, Catetinho, Museu Vivo da Memória Candanga (antigo Hospital Juscelino Kubistchek de Oliveira, mais conhecido como HJKO), seguido pela Ermida Dom Bosco. Além disso, apresenta sua localização em relação ao Plano Piloto, local do maior canteiro de obras do Brasil à época.

Os quadros 4, 5, 6 e 7 apresentam os lugares conforme as escalas definidas no Brasília Revisitada por Lucio Costa. Os desenhos são de encontros e de desenhos não necessariamente foram dos encontros dos *Urban Sketchers*, uma vez que somente dois dos quatro representantes estão desde a origem do grupo. Assim, como os desenhos podem ocorrer em momentos distintos e não somente durante os encontros, aqui são apresentados conforme as escalas propostas por Lucio Costa no relatório Brasília Revisitada, de 1987 por dois motivos: primeiro, para apresentar a cidade conforme as principais características destinadas no projeto do plano piloto; e segundo, para dar ordem a apresentação dos desenhos que estão dispostos de forma simbólica por escalas, ou seja, os lugares mais representativos e que foram desenhados no local.

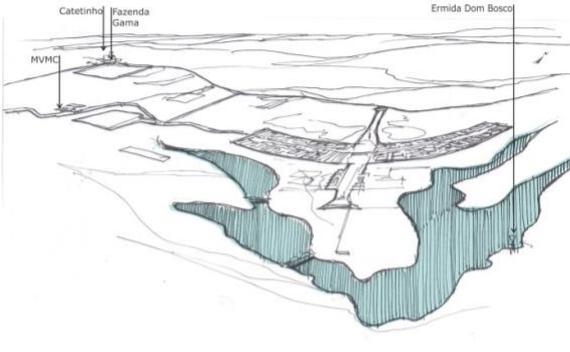
Diante dos resultados apresentados pode-se perceber o quanto Brasília foi apropriada pelos desenhistas de rua, nos Quadros 3, 4, 5, 6 e 7 foram apresentados pouco mais de 20 dos 63 lugares já visitados pelo grupo e que ao mesmo tempo representam um pouco da cidade, de acordo com as escalas de Lucio Costa, e o que ela tem a oferecer aos desenhadores de rua. De todos os lugares já desenhados pelo grupo, pode-se afirmar que ainda há muito para se apropriar da cidade. A noção de pertencimento à cidade cresce à medida que se conhece os lugares que são desenhados, e portanto, propicia uma noção de valor histórico e simbólico.

Os desenhos apresentados nos Quadros de 3 a 7 apresentam a documentação aparente dos monumentos e patrimônios da cidade, como descrito por Kallas, Guillen-Salas e Silva (2020). Essa documentação é um registro contemporâneo por meio da observação no local, essa não é exclusivamente uma forma nova de documentação, como já descrito pelos autores, isso vem de muitos séculos atrás. No entanto, essa prática apresenta aos desenhadores de rua, uma forma de se aproximar ainda mais do monumento, do patrimônio e da cidade.

E os registros, além de ser uma forma de documentação, são a memória de um tempo e do lugar. Os *sketches* permitem, um resgate e valorização do patrimônio por meio da documentação de forma aparente como descrito por Oliveira (2008, p. 29 citado por Kallas, Guillen-Salas e Silva, 2020).

⁴ O *Urban Sketchers* de Brasília/DF possui hoje (2020) 4 coordenadores: Luana Kallas, Juan Guillen, Camila Diógenes e Eliel Américo. Os dois primeiros coordenadores são os fundadores e continuam desde a formação inicial em 2014/2015, Camila Diógenes foi incorporada em 2017 e Eliel Américo, em 2018.

Quadro 3. Antecedentes de Brasília e a documentação aparente por *sketches*.



Esquema do mapa de Brasília adaptado de Eiel Américo localizando os seus antecedentes.

ANTECEDENTES

1. Fazenda Gama
2. Catetinho
3. MVMC
4. Ermida Dom Bosco

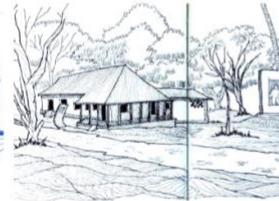
A idealização de uma capital no interiorizada veio de longa data, muitos momentos históricos como já apresentado, um deles o sonho de Dom Bosco com uma terra de riquezas na latitude, onde hoje está Brasília. Brasília, enfim sai do campo das ideias e parte para sua construção, muitos pontos ao redor da cidade foram pontos de apoio, como primeiro a Fazenda Gama para acomodar o presidente e, em seguida, o Catetinho ao lado da Fazenda Gama, um hospital (HJKO) para atender aos operários fora construído, nas proximidades da cidade livre, hoje Núcleo Bandeirante.



Desenho: Luana Kallas



Desenho: Eiel Américo



Desenho: Juan Guillen



Desenho: Camila Diógenes

1. A Fazenda Gama foi o local da primeira posada de Juscelino Kubitschek(JK), o casario está preservado e hoje faz parte do Clube Rotary Club Brasília, localizada no Gama. Em frente ao casario se localizava a pista de barro de pouso e decolagem do



Desenho: Luana Kallas



Desenho: Eiel Américo



Desenho: Juan Guillen



Desenho: Camila Diógenes

2. O Catetinho se tornou a primeira residência oficial provisória em Brasília, projeto de Oscar Niemeyer e construída em apenas 10 dias feita toda em tábuas, ficou conhecida como o Palácio de Tábuas e devido à sua importância histórica foi



Desenho: Luana Kallas



Desenho: Eiel Américo



Desenho: Juan Guillen



Desenho: Camila Diógenes

3. O hoje Museu Vivo da Memória Candanga (MVMC) foi o primeiro Hospital de Brasília para os operários e demais moradores de Brasília à época de sua construção, também construído em tábuas era chamado de Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira (HJKO).



Desenho: Luana Kallas



Desenho: Eiel Américo



Desenho: Juan Guillen

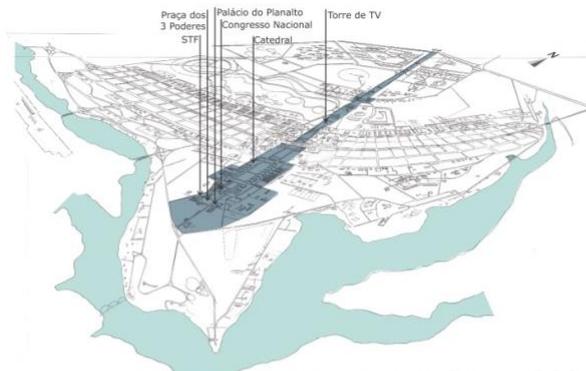


Desenho: Camila Diógenes

4. A Ermida Dom Bosco, inaugurada em 1957, fica localizada no Lago Sul e é onde está o Monumento em homenagem à Dom Bosco, projeto desenvolvido por Lucio Costa e onde também possui uma capela de Oscar Niemeyer, a Capela Dom Bosco, inaugurada em 2006.

Fontes indicadas abaixo de cada desenho do Quadro 3.

Quadro 4. Escala Monumental e a documentação aparente por *sketches*.



Esquema do mapa de Brasília adaptado de Eiel Américo

ESCALA MONUMENTAL

1. Torre de TV
2. Catedral de Brasília
3. Congresso Nacional
4. Praça dos 3 Poderes, Museu da Cidade, Itamaraty e Palácio do Planalto

No Decreto que regulamenta a preservação da concepção urbanística de Brasília, a escala Monumental é o trecho da cidade que confere o caráter de Capital do País. (PLANO PILOTO, 2009). E se refere a toda a área demarcada no mapa ao lado.



Desenho: Luana Kallas



Desenho: Eiel Américo



Desenho: Juan Guillen



Desenho: Camila Diógenes

1. A Torre de TV, elaborado por Lúcio Costa, não é um edifício tombado. No entanto, compõe a paisagem característica da Capital, aquilo que está descrito no Decreto de tombado do conjunto tombado e é um elemento de pura monumentalidade, característica principal da Escala Monumental.



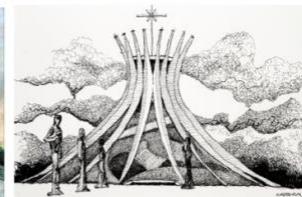
Desenho: Luana Kallas



Desenho: Eiel Américo



Desenho: Juan Guillen



Desenho: Camila Diógenes

2. A Catedral de Brasília - Catedral Metropolitana Nossa Senhora Aparecida - iniciou suas obras em 1960 e só foi concluída em 1970, possui os Vitrais de Marianne Peretti, painéis de Athos Bulcão, obras de Alfredo Ceschiatti é um dos locais mais desenhados pelo Urban Sketchers Brasília/DF.



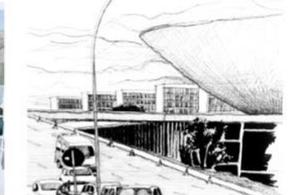
Desenho: Luana Kallas



Desenho: Eiel Américo



Desenho: Juan Guillen

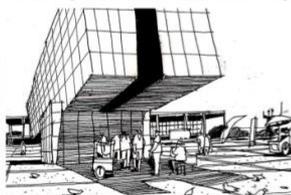


Desenho: Camila Diógenes

3. Congresso Nacional que a população conhece são as duas torres e as cúpulas, uma para cima (câmara dos deputados, representando as reuniões abertas ao público) e a outra para cima e menor (Senado, representando reuniões fechadas para o público) além dos anexos. No seu entorno em frente ao canteiro central, apenas um espelho d'água e de frente para a Praça dos 3 Poderes, possui um espelho d'água e as Palmeiras Imperiais.



Desenho: Luana Kallas



Desenho: Eiel Américo



Desenho: Juan Guillen



Desenho: Camila Diógenes

4. Praça dos 3 Poderes, onde estão localizadas o monumento aos Candangos, o Museu da Cidade (tombado), o Pombal (tomado), a Casa de Chá (tombada), o Marco, o Panteão da Pátria, coma Pira e o Monumento ao Fogo simbólico (tombados), além é claro dos edifícios que representam os 3 poderes: Palácio do Planalto, o STF e o Congresso Nacional.

Fontes indicadas abaixo de cada desenho do Quadro 4.

Quadro 5. Escala Residencial e a documentação aparente por sketches.

Esquema do mapa de Brasília adaptado de Eiel Américo

ESCALA RESIDENCIAL

1. Capela Nossa Senhora de Fátima - Igreja 704 Sul
2. SQS 403 e SQS 308
3. Residências geminadas da W4 Sul e edifícios nas SQS 308, SQS 207, SQS 515
3. CLS 316, SQS 308, SQS 409, SQS 308.

No mapa ao lado do Plano Piloto é apresentada a escala residencial. Vale lembrar que essa imagem apresenta as áreas segundo Lucio Costa que devem ser destinadas à moradias. No entanto, outros lugares foram adaptados para moradia, como as kitnets de algumas quadras 900 Norte e Sul, além de algumas nas 500 Norte e Sul. Há também moradias no Setor de Clubes, todos são alteração do uso do solo, que modificam o conjunto urbano tombado de Lucio Costa. E o PPCUB propõe expansão da escala residencial.

Desenho: Luana Kallas

Desenho: Eiel Américo

Desenho: Juan Guillen

Desenho: Camila Diógenes

1. A Igreja está localizada na Entrequadra Sul (EQS) 307-308, na Unidade de Vizinha modelo, desenvolvida por Lucio Costa, com alguns edifícios de Oscar Niemeyer e alguns jardins de Burle Marx. Placo de alguns encontros do Urban Sketchers Brasília/DF.

Desenho: Luana Kallas

Desenho: Eiel Américo

Desenho: Juan Guillen

Desenho: Camila Diógenes

2. SQS 405 e SQS 308, a primeira faz parte da faixa das 400 que são destinados a edifícios de 3 pavimentos, diferente das quadras, 200, 100 e 300 que são destinados a edifícios de 6 pavimentos. A maioria dos edifícios possuem pilotis, no entanto existe alguns edifícios sem pilotis, a exemplo, nas SQS 107, 108 da Unidade de Vizinha modelo, como também há edifícios sem pilotis nas SQS 409.

Desenho: Luana Kallas

Desenho: Eiel Américo

Desenho: Juan Guillen

Desenho: Camila Diógenes

3. Residências geminadas na W4 Sul, e edifícios nas SQS 308, SQS 207, SQS 515. A SQS 207 não possui a mesma ortogonalidade das demais superquadras, e não permitindo a continuidade entre os pilotis. (FERREIRA e GROROVITZ, 2008).

Desenho: Luana Kallas

Desenho: Eiel Américo

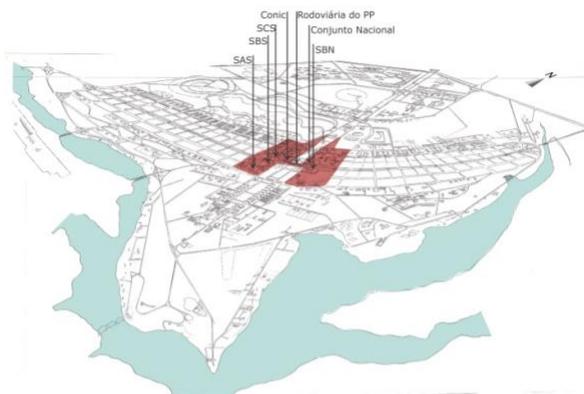
Desenho: Juan Guillen

Desenho: Camila Diógenes

4. Os comércios locais fazem parte da escala residencial, como o primeiro desenho representado pela CLS 316 e a CLS 411, os demais são edifícios da superquadras modelos - SQS 304.

Fontes indicadas abaixo de cada desenho do Quadro 5.

Quadro 6. Escala Gregária e a documentação aparente por sketches.



Esquema do mapa de Brasília adaptado de Eliel Américo

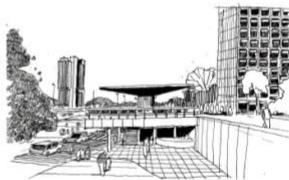
ESCALA GREGÁRIA

1. SCS, SBS desde SCLS e SDN (Conjunto Nacional)
2. SBS, SBN e SMHS
3. Rodoviária do Plano Piloto e SAUS
4. Praça Lucio Costa, SDN, SDS e SCS

No Decreto que regulamenta a preservação da concepção urbanística de Brasília, a escala gregária é formada pela intersecção dos eixos monumental e rodoviário, e inclui a Plataforma Rodoviária e Setores de Diversão (Norte e Sul), Setores Comerciais (Norte e Sul), Setores Bancários (Norte e Sul), Setores Hoteleiros (Norte e Sul), Setores Médico-Hospitalares (Norte e Sul), Setores de Autarquias (Norte e Sul) e de Rádio e Televisão (Norte e Sul).



Desenho: Luana Kallas



Desenho: Eliel Américo



Desenho: Juan Guillen



Desenho: Camila Diógenes

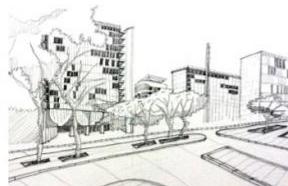
1. Os primeiros são os Edifícios do SCS, Camargo Corrêa e Morro Vermelho, projetos do arquiteto João Filgueiras Lima (Lelé); a entrada da estação do SCS; vista do Banco Central(BC) desde o SCLS, o projeto é do arquiteto Hélio Ferreira Pinto, o BC é um referência visual em boa parte do plano piloto; e o Conjunto Nacional pertencente ao SDN.



Desenho: Luana Kallas



Desenho: Eliel Américo



Desenho: Juan Guillen



Desenho: Camila Diógenes

2. Vista do Setor Bancário Sul (SBS), que tem como referência o Banco do Brasil e no Setor Bancário Norte(SBN), a referência é o edifício dos Correios e no Setor Médico-hospitalar (SMHS), os hospitais são o Hospital de Base (BS) e a última imagem, representa parte do edifício da Rede Sarah de Hospitais de Reabilitação.



Desenho: Luana Kallas



Desenho: Eliel Américo



Desenho: Juan Guillen



Desenho: Camila Diógenes

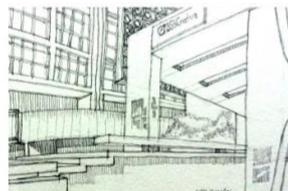
3. Plataforma superior e inferior da Rodoviária do Plano Piloto; o edifício da Anatel no Setor de Autarquias Sul (SAUS); e a plataforma de ligação entre os SBS e o Teatro Nacional com vista para a Catedral e o Setor Cultural Sul (SCTS).



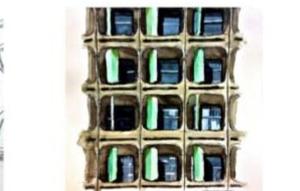
Desenho: Luana Kallas



Desenho: Eliel Américo



Desenho: Juan Guillen

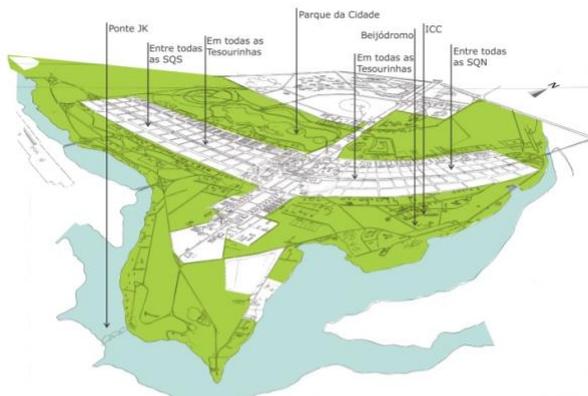


Desenho: Camila Diógenes

4. Praça Lucio Costa entre o Conjunto Nacional, no Setor de Diversões Sul (SDS) e o Teatro Nacional; o Conjunto Nacional; o CONIC, no Setor de Diversões Sul (SDS) e detalhe do Edifício Camargo Corrêa no Setor Comercial Sul (SCS), com os brises verticais verdes, o que o diferencia do edifício Morro Vermelho, com brises verticais laranjas.

Fontes indicadas abaixo de cada desenho do Quadro 6.

Quadro 7. Escala Bucólica e a documentação aparente por sketches.



Esquema do mapa de Brasília adaptado de Eiel Américo

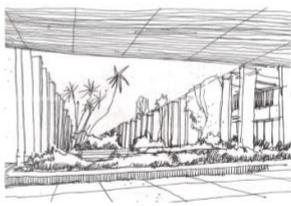
ESCALA BUCÓLICA

1. Entorno do Lago Paranoá, ICC e áreas verdes das superquadras.
2. Parque da Cidade Dona Sarah Kubistchek, ICC, e áreas verdes entre os edifícios das superquadras.
3. Beijodrómo localizado e a área externa no ICC.
4. A Ponte JK na área bucólica, toda área verde do Plano Piloto, ICC e áreas verdes das tesourinhas.

A escala bucólica é a que confere à cidade de Brasília o status de cidade-parque. Além das áreas apresentadas no mapa, todas as áreas verdes entre as superquadras e todas as tesourinhas também se refere à escala bucólica.



Desenho: Luana Kallas



Desenho: Eiel Américo



Desenho: Juan Guillen

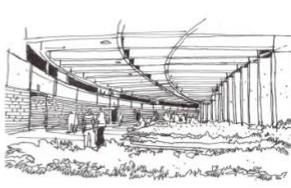


Desenho: Camila Diógenes

1. Entorno do Lago Paranoá, paisagem verde e seus complementos; o Instituto Cetnal de Ciências (ICC), núcleo central da Universidade de Brasília (UnB) e suas áreas verdes; e as áreas verdes das superquadras.



Desenho: Luana Kallas



Desenho: Eiel Américo



Desenho: Juan Guillen



Desenho: Camila Diógenes

2. Parque da Cidade Dona Sarah Kubistchek é o parque da Cidade e possui várias funções e construções institucionais, além dos banheiros espalhados pelo parque revestidos com os painéis do Athon Bulcão; Imagens internas do ICC com o canteiro central e as placas de sinalização características de Brasília, desenvolvida pelo arquiteto Danilo Barbosa, entre 1975 e 1976.



Desenho: Luana Kallas



Desenho: Eiel Américo



Desenho: Juan Guillen

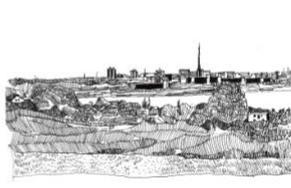


Desenho: Camila Diógenes

3. O memorial Darcy Ribeiro, desenvolvido pelo arquiteto Lelé, e intitulado de Beijódromo; E uma vista externa do ICC, lugar de extensa vegetação, que caracteriza a escala bucólica.



Desenho: Luana Kallas



Desenho: Eiel Américo



Desenho: Juan Guillen



Desenho: Camila Diógenes

4. A Ponte JK na área bucólica, uma vista da cidade desde o Lago Sul, áreas verdes no ICC em época de florescimento dos Ipês amarelos, com uma efusão de amarelo por todo o campus Darcy Ribeiro da UnB e áreas verdes das tesourinha, que são típicas de Brasília e que recentemente tiveram um complemento das agulhinhas, que são as entradas de pista desde o Eixos Rodoviários (conhecido como Eixão Norte e Sul) nas tesourinhas.

Fontes indicadas abaixo de cada desenho do Quadro 7.

9. Conclusão

Os *sketches* são, hoje, uma prática bastante difundida, principalmente, entre arquitetos e urbanistas, artistas e designers, mas também comum a todo cidadão que se permita desenhar a cidade, a arquitetura, as pessoas, sendo um processo democrático de conhecimento da cidade.

Com o tempo a cidade perde parte de sua história, como o edifício da CEB, em pleno Plano Piloto que possuía uma arquitetura própria, ou a perda da galeria dos estados, um lugar de muito simbolismo para a cidade, mas um desabamento, deixou temporariamente o local interditado. E as outras alterações, em um primeiro momento pouco perceptível, mas que também propiciam uma desconfiguração na cidade.

A proposta inicial se baseava na funcionalidade, no sistema viário, no centro urbano e na monumentalidade para edificar a futura Capital, Brasília. A proposta da cidade foi alterada, ainda no decorrer de suas três primeiras décadas, o que fez o seu criador, tentar reestabelecer a ordem com o relatório Brasília Revisitada, criando as quatro escalas: monumental, residencial, gregária e bucólica, cada uma para uma função bem definida, além de tecer algumas considerações para não permitir a descaracterização de sua proposta inicial.

Isso possibilitou a Brasília o tombamento de seu conjunto urbano, em duas instâncias (Distrital e Federal) e permitiu-se entrar para a lista de patrimônios da humanidade pela UNESCO. A Brasília com características únicas, de arquitetura singular, de uma história recente necessita de apropriação e pertencimento pelos seus cidadãos.

Dessa forma, um grupo de desenhistas, o *Urban Sketcher Brasília/DF* com o lema comum a todos os *Urban Sketchers* “mostrar o mundo, um desenho de cada vez”, documenta de forma aparente a cidade. O grupo que iniciou seus trabalhos em janeiro de 2015 e desde então se encontra uma vez por mês para conhecer, registrar, perceber o local, criar vínculos e uma noção de pertencimento, se apropria da cidade como apresentado no mapeamento da atuação do grupo de desenho *Urban Sketchers Brasília/DF*.

Nesse sentido, e de acordo com o referencial teórico os resultados apresentaram os desenhos em cinco partes: antecedentes à Brasília e a as quatro escalas segundo o relatório Brasília Revisitada de Lucio Costa.

Tanto o mapeamento da atuação do grupo como os desenhos apresentados possibilitou responder a pergunta inicial “De como os desenhistas podem se apropriar da cidade e criar uma noção de pertencimento ao lugar por meio dos *sketches* e do caderno de croquis?” e, ao mesmo tempo, confirmar a hipótese levantada e afirmar que o objetivo foi atingido, e que a apropriação da cidade e a criação da noção de pertencimento se fez pela documentação aparente por meio dos *sketches*, e que o grupo devido a sua constância e atuação, conseguiu explorar Brasília e o Distrito Federal, se apropriando da cidade, por partes, em cada lugar que se conhece, ao desenhar o espaço, conhecer um pouco de sua história.

Além disso, estabeleceu novas memórias aos desenhistas, além das memórias antigas da história coletiva do lugar, contribuindo para uma valorização não só do patrimônio, mas dos monumentos de valor histórico e da própria cidade, propiciando acima de tudo, um valor de civismo e de educação patrimonial.

9.1. AGRADECIMENTOS

Ao Grupo *Urban Sketchers Brasília/DF* pelo seu papel no resgate e valorização do patrimônio da cidade de Brasília e do Distrito Federal e à arquiteta Camila Diógenes, integrante e uma das coordenadoras do Grupo *Urban Sketchers Brasília/DF* pela cessão de suas imagens para utilização neste artigo.

10. Referências

Associação Nacional dos Funcionários do Banco do Brasil [ANABB] (2015). *BB desocupa o Edifício Sede I em Brasília*. 13.03.2015. Disponível em: <https://www2.anabb.org.br/Portal/Noticia/Visualizar/97004/BB-desocupa-o-Edificio-Sede-I-em-Brasilia> Acesso 15 nov. 2020.

Brasília (1960). *Revista da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil*. Número especial de 21.04.1960. Ano 4. N° 40.

Caixeta, E. M. M. P (2012). Brasília: a cidade dos desejos – reflexões acerca das cidades projetadas por Carmen Portinho e Lúcio Costa. *Visualidades*, 4 (1) e (2). DOI 10.5216/vis.v4i1ei2.18006.

Catetinho: o Palácio de tábuas (s/d). Distrito Federal: its – Instituto terceiro setor. Secretaria de Estado de cultura do DF. Sem data.

- Choay, F. (1999). *Alegoria do Patrimônio* (Trad., Teresa Castro) (70 Arte e Comunicação). Lisboa: Edições 70.
- Costa, L. (1957). Relatório do Plano Piloto de Brasília. *Módulo*, n. 8, pp. 33-48.
- Costa, M. E. (2001). *Com a palavra, Lucio Costa. Roteiro e seleção de textos Maria Elisa Costa*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.
- Xavier, A. (org.) (2007). *Lucio Costa: Sobre arquitetura* [sic] (coord. por Anna Paula Canez). Porto Alegre: UniRitter.
- Cruls, L. (Chefe da Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil) (1894). *Relatorio da Comissão Exploradora do Planalto Central do Brazil apresentado ao S. Ex. Ministro da Industria, Viação e Obras Públicas*. Rio de Janeiro: H. Lomdaerts & C., Impressores do Odservatorio. Disponível: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/182911>. Acesso 12 nov. 2020.
- Distrito Federal. Agência Brasília. Secretaria de Estado de Desenvolvimento Urbano e Habitação do Distrito Federal (comp.) (2015). *Começa a desocupação da orla do Lago Paranoá*. 2015. Fonte: Agência Brasília. Disponível em: <http://www.seduh.df.gov.br/comeca-a-desocupacao-da-orla-do-lago-paranoa/>. Acesso 16 nov. 2020.
- Ferreira, A. B. de H. (2020). *Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*. Curitiba: Editora Positivo.
- Ferreira, M. M., & Gorovitz, M. (2010). *A invenção da Superquadra: o conceito da Unidade de Vizinhança em Brasília* (Série: 2010 – Brasília 50 anos). Brasília: Superintendência do IPHAN no Distrito Federal.
- Gabriele, M. C. F. L. (2012). *Musealização do Patrimônio Arquitetônico: inclusão social, identidade e cidadania. museu vivo da memória candanga*. 2012. 282 f. Tese (Doutorado) – Curso de Museologia, Departamento de Museologia, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2012. Disponível em: http://www.museologia-portugal.net/files/upload/doutoramentos/cecilia_gabrille_tese.pdf. Acesso 13 nov. 2020.
- Governo do Distrito Federal (1985). *Decreto nº 9.036*, de 13 de novembro de 1985. Dispõe sobre o tombamento do conjunto do Hospital JUSCELINO KUBITSCHEK DE OLIVEIRA – HJKO e dá outras providências. *Lex*: Decreto distrital. 217. ed. Brasília, DF: DODF, 13 nov. 1985. Disponível em: http://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/12585/Decreto_9036_13_11_1985.html. Acesso em: 13 nov. 2020.
- Governo do Distrito Federal (2017). *Proposta de Minuta PLC PPCUB*, de 2017. Aprova o Plano de Preservação do Conjunto Urbanístico de Brasília – PPCUB e dá outras providências. *Lex*: Proposta de Minuta de Lei. ed. Brasília, DF: Projeto de Lei Minuta PLC. Disponível em: <http://www.seduh.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2017/11/Minuta-PLC-PPCUB.pdf>. Acesso 16 nov. 2020.
- Hall, P. (1995). *Cidades do Amanhã*. São Paulo. Editora Perspectiva.
- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional [IPHAN] (2019). *Lista dos bens tombados e processo em andamento (1938-2019)*. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/126>. Acesso 13 nov. 2020.
- Kallas, L. M. E., Guillen-Salas, J. C., & Silva, E. A. S. da. (2020). Resgate, valorização, educação e documentação do patrimônio por meio de sketches. *Revista Jatobá*, v. 2, Recuperado de <https://www.revistas.ufg.br/revjat/article/view/66526>. Acesso 10 nov. 2020.
- Le Corbusier (1993). *Carta de Atenas* (Trad., Rebeca Scherer). [S.I]: Edusp.
- Le Corbusier (1979). *Os três estabelecimentos urbanos* (Trad., Dora Maria de Aguiar). São Paulo: Editora Perspectiva.
- Patrimônio cultural no DF: bens tombados* (2009). Brasília: Superintendência do IPHAN no Distrito Federal.
- Peponis, J. (1989). Espaço, cultura e desenho urbano no modernismo tardio e além dele. *Boletim do Instituto de Arquitetura e Urbanismo*. n. 51, Brasília: Universidade de Brasília.
- Plano Piloto 50 anos: cartilha de preservação de Brasília* (2009). Brasília: Superintendência do IPHAN no Distrito Federal. Reimpressão.
- Reis, C. M. (org.) (2014). *Relatório do Plano Piloto* (3a ed.). Brasília: Superintendência do IPHAN no Distrito Federal.
- Relatório técnico sobre a nova capital da república* (1957). Rio de Janeiro: Departamento Administrativo do Serviço Público – Serviço de documentação., Serviço de Documentação. 1957. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/185570>. Acesso 12 nov. 2020.
- Riegl, A. (1984). *Le Cult modern des monuments* (Trad., Fr. D. Wiczorek). Paris: Le Seuil.
- Riegl, A. (2014). *O culto moderno dos monumentos: a sua essência e a sua origem* (Trad., Werner Rothschild Davidsohn, & Anat Falbel). São Paulo: Perspectiva.

Rios, A., Fernandes, A., Cintra, C., & Feitoza, C. (2018). Queda de viaduto na Galeria dos Estados completa 1 ano: Apenas 35% das obras estão concluídas. *Correio Braziliense*. 2018. <http://especiais.correiobraziliense.com.br/queda-de-viaduto-na-galeria-dos-estados-completa-1-ano>. Acesso em: 10 nov. 2020.

Santos Neto, I. de C. (1991). *Centralidade Urbana: espaço e lugar*. 1991. Tese (Doutorado), Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

Secchi, B. (1977). *A primeira lição de urbanismo* (Trad., Maria Barda & Pedro M. R. Sales). São Paulo: Editora Perspectiva.

Tavares, J. C. (2004). *Projetos para Brasília e a cultura urbanística nacional*. 2004. Dissertação (Mestrado em Tecnologia do Ambiente Construído), Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2004. doi:10.11606/D.18.2004.tde-23092008-111353. Acesso 12 nov. 2020.

Varnhagen, F. A., Visconde de Porto Seguro (1877). *A questão da capital: marítima ou no interior?*. Vienna D´austria : Edição por conta do autor. Disponível em: <https://bd.camara.leg.br/bd/handle/bdcamara/3102>. Acesso nov. 2020.